

A EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

BRAGAGNOLO, Adriana¹

O presente trabalho trata-se de um olhar sobre a prática do profissional de Educação Infantil e sua permanente formação. Baseia-se numa experiência em fazer pesquisa dentro do ambiente escolar, a partir da participação num grupo de pesquisa. O trabalho faz parte de um processo de constante reconstrução da prática.

Sabe-se que as noções de infância estão sendo construídas a passos de tartaruga desde o século XVI até os dias de hoje e as mesmas passaram por várias mutações. No momento em que se pensou na criança como um ser singular, com características notavelmente diferentes dos adultos, se iniciou um processo de valorização e preocupação.

A nível nacional a Educação Infantil tem sido bastante discutida e atualmente está ganhando novo espaço devido muitas lutas desenvolvidas especialmente por educadores, pesquisadores e responsáveis pela mesma.

Em conseqüência da caminhada ter sido limitada, muitos equívocos tem se acumulado sobre o significado de educar e acompanhar crianças de 0 a 6 anos.

Ainda existem reflexos deste lento processo na preparação dos professores para o trabalho com a Educação Infantil. Encontram-se instituições onde determinam que o novo professor da escola, com menos tempo de experiência, ou seja, o menos preparado, seja o responsável pelas crianças dessa fase, sendo que seria fundamental acontecer ao contrário: quanto menos idade tiver o ser humano, melhor deve ser a formação do profissional. Em conseqüência disso, algumas vezes nos deparamos com situações preocupantes, como por exemplo, trabalhos e avaliações inadequadas para determinada fase da criança, uma metodologia que não oportuniza a construção ou mais preocupação com os aspectos físicos do que com os pedagógicos.

Quando iniciei meu trabalho com Educação Infantil em 1989, essa prática do professor mais inexperiente ser colocado em turmas de crianças pequenas, era bastante presente. Estou vivenciando um processo interessante, pois não foi somente na primeira escola de formação que construí bases para o trabalho. Nas escolas de formação, muitas vezes, encontram-se referenciais que levantam a questão da formação e da prática. Futuramente, o profissional poderá se debater com dificuldades principalmente no âmbito pedagógico e subjetivo. No entanto se questiona como trabalhar essas limitações durante o curso, enquanto não se passa pela prática. Como vai haver reflexão sobre as experiências? Nesse sentido se justifica que a formação continuada se torna necessária e fundamental.

Seria importante perguntar ao professor: Como foi sua infância, que princípios a norteavam? Que tendências filosóficas, que teorias da educação fundamentaram o processo de sua formação como educador?

Minha formação dependeu de toda caminhada realizada até então. O que geralmente acontece com os outros não foi diferente comigo. Falo de quando o professor recebe um estudo de uma corrente pedagógica no ensino médio e outra no superior e assim por diante. E isso merece um confronto e não acontece. Confronto esse que pode surgir durante o processo de formação em serviço do professor, em discussões dentro de um grupo de pesquisas

¹ Professora Integrante da Rede Pública e Particular do Ensino Fundamental de Passo Fundo.

ou de estudos, através de uma metodologia que oportunize situações de desestabilização. Muitas vezes esta questão volta na prática e se não existe uma postura definida, ou seja, sendo ainda baseada no senso comum, aparecem muitos conflitos que na maioria das situações não são superados.

Foi depois de alguns anos, participando de um grupo de pesquisa que comecei a ter um olhar diferente sobre a Educação Infantil e sobre minha postura frente a prática que estava realizando. Na escola, embora os outros professores não estivessem ligados ao grupo, também se viveu um processo de mudanças a nível de Ensino Fundamental.

Fazer pesquisa, principalmente aquela que parte da prática, vai além de um bom planejamento, de ser competente ao oportunizar situações necessárias, de gostar de crianças. Ela exige persistência e envolvimento dentro do processo. Para o professor estar envolvido é fundamental que também analise constantemente seu trabalho, suas atitudes e reações durante a caminhada.

Utilizando a metodologia da pesquisa comecei a observar meus alunos com um olhar atento para o contexto no qual estávamos inseridos. Procurei dedicar maior tempo e melhores oportunidades para isso. Aproveitando muitas vezes, os momentos de brincadeiras espontâneas procuro discutir com outras colegas sobre as situações mais nos chamam atenção e nos preocupam. A partir dessa observação realiza-se um registro da mesma, o qual costuma-se chamar memória. É fundamental que se registre tudo, pois o mesmo servirá como um instrumento muito rico, é nele que aparecerão todas as questões empíricas, todas as emoções, o avanço do trabalho e as limitações. Em seguida se levantam questões, indicativos ou reflexões tanto na socialização dentro do grupo de pesquisa, como individualmente. De acordo com as necessidades busca-se um aprofundamento teórico e ao mesmo tempo se volta à prática, conquistando, experimentando, da mesma maneira que se ensina as crianças a experimentarem, oportunizando, assim, as mudanças necessárias num processo de construção e reconstrução. Considero fundamental este distanciamento que acontece, apesar de não ser uma tarefa fácil, pois estamos envolvidos no processo e isso o torna mais demorado. Entendo o distanciamento como um ato de estar incluído no processo e num determinado momento enxergá-lo de fora.

É fundamental levar em conta o contexto, o espaço geográfico social, cultural e econômico. Toda a escola tem uma especificidade e uma realidade de emergência de conflitos entre os seus diferentes sujeitos. Para isso depende a maneira como isso está sendo visto pelo professor. Não se tem idéia de como o modo de pensar e o olhar de uma professora sobre situações de ensino-aprendizagem influenciam no desenrolar do trabalho com Educação Infantil. Na medida que o olhar do professor se modifica, a compreensão da realidade se modifica, ele passa a enxergar aquele contexto infantil de outra maneira, possibilitando assim um universo de maiores oportunidades e descobertas. Com este tipo de metodologia, o processo é mais demorado, mais cansativo, não encontram-se receitas prontas e o real encontra-se no meio da caminhada. Independente das condições sociais, o professor pode fazer pesquisa, por isso ele deve estar preparado para o novo, o surpreendente, ter capacidade de remontar sua aula devido a fatos e interesses que surgem, principalmente porque isto faz parte da realidade da Educação Infantil.

*Memória – Turma de Educação Infantil – Jardim B – 5 e 6 anos
Maio 1998*

Somente agora posso afirmar que o trabalho planejado está sendo realizado por mim e pelas crianças com tranquilidade e alegria por parte de todos. A turma tem 21 alunos, de classe social média e média-alta. Desde o início do ano até hoje, passamos por momentos inesquecíveis, graças ao processo de refletir sobre minha prática. Considero uma turma bastante ativa e crítica, dependem pouco de mim para tomarem decisões individuais e são incrivelmente unidos. No entanto, aconteceram situações que desafiaram nossa caminhada. Dentre os meninos, existe um que merece maior compreensão e limites, tanto da minha parte, quanto dos outros colegas. Este período está sendo bastante cansativo para nós, porém, valioso. Passamos por várias fases. A primeira, em que nosso colega, além de brincar sozinho, não tinha vínculo comigo e nem fazia questão de estabelecer, batia nos colegas e mostrava-se ausente a tudo o que era proposto por mim e pelo grupo. Depois, passou pela fase de ignorar qualquer ordem de atividade, fazendo tudo na hora oposta, querendo chamar atenção e os colegas o rejeitando. Em seguida, a turma inteira passou três semanas atendendo mais aos pedidos dele do que aos meus e ele com ótimas condições de desenvolvimento, mas realizando raras tarefas. Posteriormente houve uma revolta geral, as crianças já não o aceitavam mais com aquelas atitudes, percebia-se que ele queria criar vínculos e não sabia como fazer. Hoje, esse aluno está socializado com a maioria dos colegas, entre eu(professora) e ele está sendo estabelecido vínculo afetivo, realiza a maioria das atividades combinadas, colabora com o grupo com suas idéias e disponibilidade. Durante todo este tempo, a primeira coisa que fiz, foi olhar para este aluno como alguém que precisava de mim e dos colegas, sabia que talvez passasse muito tempo tentando, pois haveria mudanças, avanços e retrocessos, mas tudo faz parte do processo. Através dos meus registros tentei descobrir as causas desta problemática, refleti sobre minhas aulas e as refiz constantemente, procurei ser muito firme e afetiva ao mesmo tempo. Juntamente com outro profissional da escola, realizamos um trabalho com os pais. As mudanças foram interessantes de se acompanhar, as crianças amadureciam, o colega foi mudando as atitudes, os pais reavaliaram seu cotidiano, eu mudei em algumas coisas na prática e em postura, enfim o processo aconteceu para todos ao mesmo tempo.

Refletir criticamente sobre a prática é um momento fundamental da caminhada, pensando na prática de hoje se pode melhorar o que virá amanhã. Quanto mais o professor assumir a postura de sujeito, mais estará percebendo as razões de suas atitudes e terá maior capacidade de mudar.

Quando o profissional da Educação Infantil está em permanente formação, se estabelecem referências teóricas e metodológicas que são constantemente avaliadas e reconstruídas. O fato dos mesmos terem clara a idéia de processo na construção do saber, facilita a compreensão e transforma os sentimentos de angústia em prazer. Pois são inúmeros os conflitos que surgem, principalmente em situações como mostra o exemplo da memória acima. Quando se olha para a situação difícil e a partir dela se enxerga o processo, percebe-se que estes momentos são de desestabilização e crescimento.

É fundamental que o professor compreenda o que se quer dizer com processo e isso somente irá acontecer quando tiver a vivência do mesmo. Por mais que ele esteja engajado em grupos de estudo ou pesquisa, existe uma formação individual, um caminho a seguir construído por ele de acordo com seu crescimento, sua prática, suas oportunidades, em seu determinado tempo. O processo do professor sempre ocorrerá junto com o processo da criança.

Alícia Fernández fundamenta que a “formação do professor deve ser pensada levando-se em consideração a importância que esta atividade tem do ponto de vista da formação dos seres humanos. As crianças estão construindo sua identidade e a tarefa do educador reveste-se de uma importância enorme em nível da subjetividade”.

Neste sentido, penso que muitas vezes, a Educação Infantil preocupa-se muito mais com aspectos físicos e técnicos do que com as questões subjetivas. O professor neste início de vida escolar têm um papel fundamental e serve como referencial. É importante demonstrar para a criança que quem lhe acompanha é um ser semelhante à ela, com sabedoria e limitações. É importante que a criança sinta que pode pensar expressar seu pensamento com liberdade, encarando e aceitando seus erros como algo normal em seu crescimento, pois é a partir deles que ocorrerá a aprendizagem.

Pode-se construir uma metodologia onde o professor tenha capacidade de oportunizar situações de uma relação professor x aluno sincera, verdadeira, onde o vínculo seja de confiança e intimidade. O professor de crianças de 0 a 6 anos pode criar situações onde exista cumplicidade e transparência. Para a criança é preciso vivência afetiva de situações que permitam reconstrução entre eles e o professor e entre seus companheiros de fralda ou colegas de trabalho. Quando o vínculo se estabelece o processo de crescimento é seguramente mais rico.

Na Educação Infantil existe um cruzamento de numerosas relações: os pais - mais ou menos experientes, mas com a mesma preocupação de sempre, muitas vezes com dificuldades de separação no início do ano, dependendo do contexto, participando ativamente, enfim, cada um com suas características específicas; nas realidades mais privilegiadas aparecem as babás - com uma relação especial com as crianças; os irmãos - maiores ou menores... e no meio de tudo isso: o professor - mais ou menos afetivo, mais ou menos extrovertido, preparado, seguro ou inseguro. O mesmo, tem que estar preparado para trabalhar com esta trama de relacionamentos e demonstrar seu tipo de postura. É indispensável que exista diálogo, acolhimento, respeito e negociação. O professor é o mediador responsável para que esta relação aconteça.

O tipo de formação do professor de Educação Infantil, influencia diretamente na metodologia utilizada para trabalhar com as crianças. Dependendo de sua visão de homem e de mundo, de sua postura frente a educação, será sua prática.

Surgem aspectos fundamentais quando um professor começa a enxergar a criança como sujeito do seu processo. Levando-os em conta, certamente terá maior segurança ao realizar as atividades. Inicialmente, ter firmeza, carinho e bom senso nos momentos necessários em que os hábitos estarão sendo adquiridos e as relações sociais construídas. Entender o crescimento de seu esquema corporal e o desenvolvimento motor respeitando suas fases e sua individualidade. Proporcionar condições para que ele desenvolva a autonomia. Enxergar a falta de atenção ou outros problemas como algo que tem uma causa e não simplesmente como indisciplina. Ter respeito ao caráter lúdico e prazeroso, bem como amplo atendimento às necessidades de ações espontâneas por parte das crianças. Proporcionar oportunidades de produções de escrita, apaixonar-se junto com a criança pela escrita e a-

companhar suas descobertas mostrando a riqueza, a diversidade e a complexidade da língua num processo de construção progressiva do conhecimento. E na hora de avaliar? Entender a mesma como mais um instrumento para enxergar o processo de seus alunos individualmente ou como uma pauta de mudanças que devem ser feitas.

A formação do educador infantil tem outro sentido quando realizada ao longo de sua prática, utilizando uma metodologia que oportunize a construção de caminhos e sendo teorizada coerentemente.

Segundo Piaget, o sujeito mais confiante, tenta mais, erra mais, aprende mais.

Referências Bibliográficas

AROIRA, Maria Luísa Campos; SOARES, Maria Inês; MENDES, Rosa Emília.

Didática de Pré-Escola – Brincar e aprender. São Paulo: FTD, 1996

DAVID, Myriam. *A Criança de 2 a 6 anos - vida afetiva e problemas familiares.*

São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

DEVRIES, Rheta; KAMII, Constance. *Piaget para a educação pré-escolar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários para a prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Regina Leite (org.) . *A Formação da Professora Alfabetizadora: Reflexões sobre a prática.* São Paulo: Cortez, 1996.

GHIRARDELLI, Paulo. *Infância, Educação e Neoliberalismo.* São Paulo: Cortez, 1996

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.* São Paulo: Cortez, 1997.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa.* Campinas/SP: Papyrus, 1996.

KRAMER, Sônia (org.). *Com a Pré-escola nas Mãos – Uma alternativa curricular para a educação infantil.* São Paulo: Ática, 1993.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *Textos Básicos de Educação Pré-Escolar.* São Paulo: Ática, 1990.

SUPLICY, Marta. *Papai, mamãe e eu. O desenvolvimento sexual da criança dos dois aos seis anos no lar e na escola.* São Paulo: FTD, 1990.

Revista PRÓ-POSIÇÕES: *Moysés Kuhlman Júnior* As Exposições Internacionais e a Difusão das Creches e Jardins da Infância - FE/UNICAMP; São Paulo – VOL 7, Nº 3 [21] . NOV . 1996

Políticas integradas de Cuidado e educação Infantil: O Exemplo da Escandinávia – Lenira Haddad

Teorias de Gênero e subordinação de Idade: Um ensaio – Flúvia Rosemberg

Revista PEDAGÓGICA PÁTIO Formação Docente: O desafio da qualificação cotidiana Ed. Artmed, Ano I N° 4 Fevereiro/ Abril 1998

